

Confraria do pão - um modelo de museu vivo?

Prof. Alfredo Tinoco

Estamos à beira de terminar este I Congresso de Cultura Mediterrânica que a Confraria do Pão sentiu necessidade de reunir para coroar e legitimar mais de dois anos de actividade intensa e para poder programar com mais justeza a sua actuação futura.

Foram quatro dias de propostas e de debates a que concorreram saberes multidisciplinares em torno das problemáticas do homem, da terra e do pão.

Os saberes aqui enunciados e confrontados e as sínteses que deles havemos de fazer tornam, em boa verdade, dispensável esta minha intervenção.

Com efeito, é-me pedido que responda a uma pergunta: "É a Confraria do Pão um modelo de museu vivo?" Creio que todos já encontrámos a resposta: É!

A ideia matricial de Museu é esta.

Quando, entre a Renascença e o Século das Luzes, se foram constituindo os primeiros museus, os seus criadores foram buscar-lhes o nome à Antiguidade - à Casa das Musas, onde se confrontavam os saberes. Esse lugar era o Museion. O mediterrânico Estrabão, no décimo sétimo livro da sua *Geografia*, descreve-nos a magnífica Alexandria dos começos da nossa era. Perto dos imensos palácios reais dos Ptolomeus está o Museion: "com os seus pórticos, a sala dos colóquios, e o seu vasto cenáculo onde são servidas as refeições que os sábios membros do Museu tomam em conjunto".

É esta a ideia primacial de Museu.

É este o trabalho que, por imposição estatutária, vem desenvolvendo a Confraria do Pão. Trata-se aqui de, coloquialmente, estudar, discutir os problemas do pão, mas apenas por redução, já que o pão é aqui, tão-só, um símbolo que remete para um universo alimentar - a dieta mediterrânica - que, por sua vez, convoca, porque já contém em si, um universo cultural! e social.

A tão apregoada "dieta mediterrânica" anda afinal muito distante da trilogia folclórica "pão, azeite e vinho". É, antes, uma dieta rica, variada e equilibrada que conta com o concurso de plantas chegadas à zona mediterrânica, de distintas partes do mundo, que integra o pão, é certo, e a infinita variedade de massas, um sem número de legumes e leguminosas, uma plêiade de sabores que as especiarias e as ervas aromáticas lhe emprestam, frutas, laticínios, e as quantidades necessárias de peixe e carne frescos ou em conservas. É este universo que temos saboreado nestes dias e sempre saboreamos no cenáculo da Confraria do Pão.

Celebrar esta dieta é celebrar o mundo cultural para que ela remete, é recuperar e perpetuar em nós um tempo, um passado. E esse é, afinal, a primeira tarefa do Museu.

Na definição de Museu que o ICOM incluiu nos seus primeiros Estatutos em 1947, dizia-se que o Museu tinha por função conservar "os vestígios da civilização material do homem". Apenas isto - guardar os vestígios do passado (convém recordar que aquilo que nos é servido em muitos restaurantes sob o falso rótulo de *alimentação* já contém muito poucos vestígios, ou nenhuns, do nosso passado alimentar...) Temos, portanto, um museu do tempo.

Mas este Museu não se confina ao tempo. É igualmente um Museu do Espaço. E esse não se esgota nesta sala de "colóquio" e de "cenáculo".

Se olharmos à nossa volta, veremos uma seara em crescimento. Perto dela uma eira lageada, mais além o lançamento do que há-de ser um moinho de vento, do outro lado uma azenha que a força das águas há-de mover, aqui cerca de nós o forno onde se coze o pão. Neste microcosmo que é a Confraria do Pão, estão, em torno desse mesmo pão, para que a semente se transmute no pão dos homens, congregados os elementos do universo todo: terra, água, ar e fogo. Sem isto, não há pão. Sem eles não há vida.

É em torno disto e com isto que a Confraria pode e quer construir o *Museu Vivo do Pão*.

Trata-se de erguer um museu aberto em que se conte e se aprenda a História do Pão. A história passada e aquela que agora, todos juntos, estamos a construir. Trata-se de resgatar do esquecimento e de guardar para os vindouros os saberes e os saberes-fazer ligados a todo o ciclo do pão.

Antes de mais, saber da terra, cuidar dela. Conhecer as morosas e delicadas técnicas de preparar as terras para receberem a semente. Conhecer as técnicas de amanho e os instrumentos de trabalho que diminuem o esforço humano e multiplicam a capacidade do solo, sem o estragar, respeitando-o. O homem sempre precisou da terra e vamos precisar dela cada vez mais. Também para essa educação há-de servir o museu.

Depois, mostrar ao vivo todo o ciclo do trigo. Desde a criteriosa *selecção das sementes*, adequadas ao solo e à alimentação humana, à *sementeira*. (E há lá coisa nenhuma mais bonita e mais prenhe de futuro que o gesto largo e preciso do semeador que fecunda a terra...) Logo, cuidar da seara - as *sachas* e as *mondas* - e, por fim, a *ceifa*, com seu rosário de martírios ao sol escaldante que nem por isso impedia o canto e o

convívio fraterno ao fim do dia. Seco o trigo, passa-se à *debulha* em que alguns avanços tecnológicos permitiram suavizar o trabalho do homem e do mangual. Este ciclo do trigo coincide, não por acaso - são ciclos de vida - com o ciclo escolar. Porque não hão-de as escolas galgar as paredes da sala de aula e vir ao Museu Vivo, em três ou quatro etapas ao longo do ciclo escolar, aprender estes saberes que, afinal, até são curriculares e transversais? Do mesmo passo que podem aprender vendo e fazendo, receber uma "lição das coisas", aprendem a amar e a valorizar a terra e aprendem a justa dimensão do valor humano do trabalho que as quatro paredes da escola não permitem aprender.

É mester agora *moer o trigo*. Há que guardar para os vindouros a memória técnica e tecnológica do que tem sido a *moagem*, do que têm sido a capacidade e o engenho humanos em aproveitar as energias naturais e adaptá-las às suas necessidades. Aí estarão um moinho de vento e um outro de água que permitem conhecer o espaço intermediário entre a mó manual e a revolução introduzida pelo vapor e, depois, pela electricidade, nos trabalhos de moagem. Mas também aqui há que educar para a saúde e para o bem-estar social já que a qualidade das farinhas e a variedade do seu aproveitamento alimentar em muito dependem dos processos e das técnicas de moagem. E há que conhecer, porque isso é útil, o complicado processo técnico que permite que uma mó friccione a outra a um ritmo preciso de modo a obter esta farinha ou aquela outra que terão usos diferenciados.

Não me admira que muitos não saibam hoje o que é a entrosga de um moinho ou que não diferenciem os vários sistemas de moagem verticais e horizontais em uso nos moinhos movidos a água. O que já me causa mais admiração é que já vá havendo crianças que

não saibam qual é a origem do pão que, afinal, comem todos os dias.

Passemos, então, à *panificação*. Há, finalmente, que meter as mãos na massa. Há que perceber como se doseiam a farinha, a água, o sal e os fermentos para que possamos ter um pão saboroso, agradável e nutritivo, ou seja, saudável. Há que conhecer as alfaias necessárias, há que dar forma ao pão, deixá-lo fermentar o tempo exacto.

Há também que preparar o forno. Conhecer as técnicas e os processos bem como as diversas tipologias de fornos, suas vantagens e inconvenientes. Determinar a temperatura e os tempos de cozedura correctos. Também disso depende a boa qualidade do pão. Também isso é necessário aprender. E, depois, saborear o pão. Todos estes saberes cumpre ao Museu do Pão conservá-los e transmiti-los. E quando falo aqui de saberes, na perspectiva do Museu Vivo, refiro-me evidentemente, aos saberes *científicos* e *técnicos* que temos de guardar e actualizar no Centro de Documentação, mas também aos saberes *empíricos*, aos saberes práticos, aos saberes-fazer que estão associados a todo este universo desde o amanho da terra ao momento de desenfornar o pão; e refiro-me igualmente a um conjunto de "saberes" que remetem para uma instância "mágica" e que desde sempre estão associadas ao trabalho da terra e ao trabalho do pão: os cantares, as rezas, as benzeduras, as mezinhas, as superstições, as festividades em torno da terra e do pão que o Museu tem também de salvaguardar.

Tarefa do museu, para além de conservar os objectos, é também conservar os saberes que lhe estão associados, pô-los em colóquio, confrontá-los, disponibilizá-los a quem os quer entender.

Este museu de que estamos a falar já muito pouco tem em comum com aquela definição do ICOM que há pouco vos recordei e segundo a qual competia ao museu apenas "conservar os vestígios da civilização material do homem". Só fosse só para isso não valia a pena o trabalho da Confraria do Pão. Mas a museologia constituiu-se no cruzamento da vida prática dos museus e de uma reflexão sobre o papel dos museus.

Tinha razão o Professor Stanislas Adotevi ao pronunciar da tribuna da 9ª Conferência Gerai do ICOM, em 1971, as seguintes palavras:

"O museu continua a ser ainda o lugar de concentração mágica das obsessões poeirentas de uma classe que continua a acreditar na extensão do seu poder."¹

Pouquíssimo tempo depois, e ainda sob a influência de Georges-Henri Rivière, o ICOM incuiu na sua definição que o Museu era "uma instituição ao serviço da sociedade". Este reconhecimento tão simples do papel social do museu foi uma verdadeira revolução relativamente à museologia convencional.

Desde então, o campo do Museu alargou-se às esferas do *natural* e do *social* que hoje todos reconhecemos serem indissociáveis. O Museu conquistou ou reforçou o carácter interdisciplinar, ao mesmo tempo que assumiu modos de expressão e de comunicação renovados.

Os Museus "vivos" puseram então em marcha três novas dinâmicas:

- uma dinâmica do objecto;
- uma dinâmica da conservação;
- uma dinâmica da comunicação

¹ Stanislas Adotevi citado em *La Muséologie selon Georges-Henri Rivière*, Paris: Dunod, 1989

que têm vindo a confirmar a proposta, então revolucionária, de Stanislas Adotevi. Dizia ele: "*Em si o Museu nada quer dizer. É apenas um conceito que indica uma acção a cumprir: um conceito prático significando que para reecontrar e encontrar a realidade á qual ele faz alusão, é necessário investigar, não o homem abstracto, mas o homem real, no conjunto das relações sociais e humanas do Homem*".² Ora entender o museu desta forma implica *alargar* o domínio das colecções museais a *tudo o que possa ser um testemunho do Homem*. Os objectos são *apenas signos* que só representam "manifestações tangíveis, palpáveis e materiais da existência espiritual e moral do homem".³ O Museu é o próprio Homem!

Mas quer isto significar que o Museu Vivo da Confraria do Pão não tem objectos? Tem! A dinâmica das colecções é que tem de ser diversa daquela que é na museologia convencional. Com efeito, trate-se de *objectos patrimoniais* ou mesmo de obras de arte, a musealização feita pelos museus convencionais é, de alguma forma, uma *esterilização* e uma *subtracção*.

Segundo René Rivard ⁴, vejamos como se dá esse processo. Em primeiro lugar, o objecto é, antes de mais nada, retirado, "subtraído" ao seu ambiente natural, ao seu contexto, aos seus utilizadores possíveis, para mais tarde ser restituído ao "público", uma vez terminadas as operações museológicas de conservação, de restauro, etc. que são verdadeiramente a esterilização, a asseptização do objecto. Depois, há ainda várias maneiras de formar colecções museológicas. A colecção *sistemática* é o modelo ancestral das colecções museais. É limitada por

² idem, p. 296

³ idem, p. 296

⁴ René Rivard, *Que le musée s'ouvre*, Québec : ed. do autor, 1984

escolhas restritivas de *categoria*, de *período*, de *lugar de origem*. Uma colecção sistemática é sempre "organizada", analítica, precisa, exaustiva, obsessiva.

Exemplo: uma colecção de *foices* ou de *charruas* (categorização)

do Alto Alentejo ou do Alandroal (localização)

do século XIX ou do século XX (periodização)

É um belo exemplo das colecções que podemos encontrar em qualquer bom museu convencional. Mas o Museu Vivo não a tem, nem precisa dela! Pelo contrário, a colecção *temática* não tem origem no desejo obsessivo de coleccionar, mas antes no desejo de comunicar o seu saber. Pressupõe, de facto, uma selecção de objectos que podem servir para *ilustrar*, para *explicar melhor*, para *comunicar* aqueles saberes, aqueles *temas* que queremos comunicar àqueles que nos visitam.

No caso da colecção temática, a tematização é um pré-requisito da recolha de objectos que não perdem o seu uso, o qual lhes garante a conservação.

É que não precisamos de ter 3.000 foices para explicar a quem não sabe e quer saber como se fazia a ceifa ou quais as condições materiais e humanas em que ela se desenrolava.

Quem aqui esteve por ocasião da última ceifa pôde percebê-lo e experimentá-lo. O mesmo se diga do que aconteceu por ocasião da sementeira desta seara que aí está à espera de ser pão. Foi ver jovens e menos jovens aprendendo com quem detém os saberes a abrir os regos na terra e a lançar as sementes.

No caso do museu novo, do *Museu Vivo*, quem diz tematização, diz enquadramento mais ou menos preciso de fenómenos ou de coisas difíceis de entender, por vezes díspares e que agrupamos num mesmo tema.

Creio que não há melhor tema do que o Pão para se entender esta ideia: o pão é o resultado de uma actividade complexa que atravessa os trabalhos agrícolas da sementeira à ceifa, e por actividades de transformação - a debulha, a moagem, a panificação.

Para ilustrar e melhor fazer compreender este fenómeno complexo e díspar, o Museu pode e deve constituir uma *colecção temática*. E pode e deve usá-la quando tal fôr necessário. Por aí passa também a dinâmica da conservação.

Ainda segundo Rivard, há ainda uma terceira forma de constituir a colecção do Museu: a *colecção sistémica*. Também ela começa por uma tematização. Mas não é, apenas, uma ilustração temática de assuntos sociais ou outros. Pretende-se que seja uma *representação da dinâmica interna dos ecossistemas naturais e humanos*. Uma tal colecção necessita para arrancar de uma boa prática de aproximação aos "sistemas" e de uma compreensão correcta dos fenómenos que estão presentes no território em que estamos a actuar. Trata-se de compreender, transdisciplinarmente e segundo metodologias variadas e complementares, a globalidade dos fenómenos, e não apenas na sua dinâmica própria, mas igualmente na dinâmica que os liga entre si, e que os mantém interligados. É para o Museu um método novo que permite reunir e organizar os conhecimentos tendo em vista uma maior eficácia na acção. Esta aproximação sistémica do real engloba a totalidade dos elementos do sistema estudado, bem como a sua interacção e a sua interdependência. É isto que se tem proposto fazer a Confraria do Pão. É, afinal, isto que temos estado aqui a fazer nestes dias de trabalhos do I Congresso da Cultura Mediterrânica - ajudar a constituir a colecção sistémica do "Museu Vivo" que neste caso teve por

temas a *Terra, o Homem, o Pão* neste ecossistema que é o Alentejo que se enquadra e interage com e num sistema mais vasto que é o mundo mediterrânico.

É claro que este é um caminho penoso, é um método difícil, mas pleno de potencialidades.

Para finalizar, é preciso dizer que, seja qual fôr o processo que usarmos para musealizar objectos, *mais importante do que apropriarmo-nos do conteúdo material do património, dos objectos-testemunhas é recolher igualmente o seu conteúdo abstracto* para que possamos integrar na apresentação dos objectos musealizados "o máximo de humanidade possível". (O museu é o *homem*, lembram-se?). Só assim permitiremos que quem os vê (aos objectos) possa ter todas as possibilidades de entrar em contacto com eles e com o mundo que evocam. "E isto é válido para todos os objectos seja qual fôr a sua natureza: cultural, natural ou artística. *Nenhum bem pode ficar isolado e reservado apenas àqueles, privilegiados que dispõem de um passaporte de saberes e das sensibilidades necessárias*".⁵

Aqui chegados, creio que justificámos a resposta que demos à pergunta que nos fizeram: A Confraria do Pão (Alentejo) é, está a ser, está a construir, um modelo de museu vivo.

O que é, então, um tal museu?

Deixem-me socorrer-me parafraseando da "definição evolutiva" que deu Rivière em Janeiro de 1980:

- O museu vivo é um **instrumento** que uma população, uma colectividade, uma associação cultural, concebem, constróem e gerem em comum: com os especialistas, as facilidades, os recursos financeiros e outros a que a associação

⁵ Jean Pierre Laureant, « Des choses ou des gens: la réalité muséale en France », in *MNES info*, Julho 1981, p.1

tem acesso e com as aspirações, os saberes, as faculdades de aproximação das populações.

- O museu vivo é um **espelho** em que uma comunidade se olha para nele se reconhecer, onde procura a explicação do território ao qual está ligada, ao qual estiveram ligadas as gerações que a precederam. Mas não é um espelho narcísico. É antes um espelho que se estende aos que nos visitam para que melhor nos possam compreender e respeitar-nos no nosso trabalho, nas nossas tradições, nos nossos comportamentos, nas nossas coisas íntimas. O museu vivo é uma **expressão do homem e** da natureza. O homem é aqui interpretado no seu meio natural. A natureza é-o no seu estado selvagem (se ainda existir) mas também nas transformações que a sociedade tradicional e a sociedade industrial lhe introduziram para a adaptar.
- O museu vivo é uma **expressão do tempo**. Quando recuamos à idade geológica, à época do aparecimento do homem, aos tempos pré-históricos e históricos que já vivemos, é no nosso tempo que vimos fatalmente desembocar. E isto permite-nos uma abertura aos tempos de amanhã. O museu não faz a história, não decide por ela, mas tem de ter um papel de informação e de análise crítica. Tem de propor uma interpretação da passagem do tempo no espaço. De espaços privilegiados onde olhar, onde parar, por onde caminhar - uma seara, uma eira, um moinho, uma azinheira centenária ...
- O museu vivo é um **laboratório** na medida em **que** contribui para o estudo histórico e contemporâneo das gentes e do meio em **que**

está implantado, cooperando por isso com especialistas e organizações exteriores.

- O museu vivo é um **conservatório** na medida em que contribui para a preservação e valorização do património natural e cultural do território e da população em que centra a sua actuação.
- Finalmente, o museu vivo é uma **escola** na medida em **que** associa a comunidade e os visitantes às suas acções de estudo e de protecção patrimonial e natural.

Este laboratório, este conservatório, esta escola inspiram-se em valores e em princípios comuns. É do sentido mais lato da *cultura* aquele de que nos reclamamos. Trata-se de divulgar e de fazer reconhecer a dignidade e as expressões e os saberes de todas as camadas da população.

E a diversidade não tem limites para o Museu Vivo. Por isso, queremos conhecer os outros museus, as outras experiências. É tempo de criar uma rede de Confrarias e de Museus do Pão que, como vimos, já começam a aparecer. E com eles partilhar os nossos saberes, as nossas experiências, os nossos problemas e as nossas angústias, as nossas expectativas e os nossos desejos.

É tempo de terminar. Vimos com o que fazer um Museu e como poderá ser ele. Um museu nunca está acabado, está sempre em devir.

Bem hajam todos os que têm contribuído para a construção do Museu Vivo - Confraria do Pão! Bem hajam.